

**A violência conjugal na perspectiva do homem com comportamento
agressivo**

Josemara Carvalho de Oliveira

Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção
do grau de Especialista em Psicologia Clínica – Ênfase em Saúde Comunitária – sob orientação
do **Prof. Dr. Cláudio Simon Hutz**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Abril, 2011.

**A violência conjugal na perspectiva do homem com comportamento
agressivo**

Josemara Carvalho de Oliveira

Monografia apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, como exigência parcial do
curso de especialização em Psicologia clínica
– Ênfase em saúde Comunitária

Orientador: Profº Drº. Cláudio Simon Hutz

Porto Alegre

2011

AGRADECIMENTOS

Agradecer é prestar um reconhecimento. Quero nestas poucas linhas fazer isto a uma pessoa que me fez compreender a dimensão desta singela palavra, Arlei, meu marido, com quem tenho tido a oportunidade de partilhar ricos momentos da minha jornada existencial.

Agradeço ao meu orientador, Cláudio Hutz, pela paciência, orientações, sugestões, disponibilidade e respeito.

Agradeço às amigas Ana Elisabeth Mautone Gomes e Jamile Bortoluzzi Zordan, pelo interesse, paciência e boa vontade que tiveram revisando o texto, fazendo correções e oferecendo sugestões pertinentes que contribuíram para o enriquecimento do trabalho.

Também agradeço aos integrantes do centro de Referência às Vítimas de Violência pela acolhida e oportunidade, com especial agradecimento à Maria Helena de Castilhos, pessoa com a qual compartilhei o desejo em dispensar atenção e escuta aos homens com comportamento agressivo na prevenção à violência doméstica.

Nesta construção do saber deixo ainda meu agradecimento aos mestres que conheci durante esta trajetória, aos colegas e amigos e, em especial aos participantes da pesquisa que, com suas palavras enriqueceram meu conhecimento, lapidaram meus conceitos e me remeteram inexoravelmente ao silêncio das reflexões.

SUMÁRIO

Resumo.....	5
Introdução.....	6
Fundamentação teórica.....	7
A violência conjugal.....	7
Estratégias de enfrentamento.....	10
Justificativa e objetivos do estudo.....	11
Método.....	12
Apresentação dos resultados.....	13
Discussão dos resultados.....	14
Considerações finais.....	23
Referências bibliográficas.....	24

RESUMO

A mudança de perspectiva sobre intervenções contra a violência conjugal e a incorporação dos homens nos esforços de prevenção e atenção à violência contra a mulher motivou a reflexão sobre como homens que agredem suas esposas ou companheiras percebem e descrevem seu comportamento. Foram entrevistados seis homens com comportamento agressivo. As informações obtidas através da análise de conteúdo apontam de forma unânime a dificuldade, para estes homens, em sentirem-se responsáveis pelas agressões que cometem contra suas esposas/companheiras. A ambivalência de sentimentos e a importante participação da rede social e de apoio surgem reforçando a relevância da ampliação nas formas de enfrentamento do fenômeno da violência doméstica.

Palavras-chave: Violência conjugal. Comportamento agressivo. Estratégias de intervenção

ABSTRACT

The change of perspective on interventions against marital violence and the inclusion of men in prevention efforts and attention to violence against women led to reflection on how men who batter their wives or partners perceive and describe their behavior. We interviewed six men with aggressive behavior. Information obtained through the content analysis show unanimously that it is difficult for these men to feel responsible for the aggressions committed against their wives/partners. The ambivalence of feelings and the important participation of the social and support network arise reinforcing the importance of broadening the ways of coping with the phenomenon of domestic violence.

Keywords: Marital Violence. Aggressive behavior. Intervention strategies

Introdução

A violência conjugal tem sido objeto de vários estudos. A prevalência, os sintomas e consequências psicológicas, físicas e sociais; a terapia com as vítimas; os fatores de risco e proteção envolvidos; a punição dos agressores e a atuação das redes de proteção são temas que têm sido mais comumente estudados. Entretanto, enquanto a maioria dos estudos investiga as vítimas, os poucos estudos sobre agressores se concentram principalmente em dados demográficos (Serafim, Saffi, Rigonatti, Casoy, Barros, 2009).

Oliveira, Geraldles e Lima em 1998 apontam que altos índices estatísticos em torno da violência dos companheiros contra as mulheres no mundo, e mais especificamente no Brasil, não deixam dúvidas quanto à necessidade do seu enfrentamento sistematizado, bem como quanto à necessidade de mudanças de comportamento e atitudes do homem e da mulher que vivem juntos e são vítimas e autores de violência conjugal.

Compreendemos que ainda existem importantes lacunas e dúvidas com relação ao tema violência conjugal. Investigações a partir da visão da pessoa agressora, embora escassas, podem contribuir substancialmente para uma melhor compreensão desse fenômeno e promover a percepção de que a agressão exige mais do que dados estatísticos, ou seja, é importante que ocorra a instrumentalização de políticas públicas que incluam esse homem e que essa ação possa minimizar a violência praticada contra a mulher. Consideramos que o trabalho acerca da agressão envolve aspectos complexos que vão além da penalização, uma vez que ela afeta não só o indivíduo e as vítimas diretas, mas também a família e a sociedade como um todo.

Assim, partindo de uma prática com atendimento de vítimas de agressão conjugal, no Centro de Referência a Vítimas de Violência¹ (CRVV) e, acreditando em uma proposta

¹ Serviço da prefeitura de Porto Alegre, implantado em parceria com o Governo Federal, disponibilizando profissionais capacitados para acolher, diagnosticar, informar e orientar as vítimas de violações de Direitos Humanos, e outros interessados, na busca de uma solução.

coletiva de enfrentamento à violência que inclua os homens que cometem atos de violência doméstica no processo de prevenção e atenção à violência contra as mulheres, dentre as várias reflexões suscitadas, a questão que norteia este trabalho é: como é percebida a violência conjugal na perspectiva do homem com comportamento agressivo.

Fundamentação teórica

A violência conjugal

A questão da violência se transforma em problema para a área da saúde na medida em que afeta a saúde individual e coletiva, demandando a formulação de políticas públicas específicas e a organização de serviços voltados à prevenção e tratamento (Minayo, 2005).

Chauí em 1980 compreendia a violência como um processo pelo qual um indivíduo é transformado de sujeito em coisa. Já em 1990, Verardo acrescentou que a violência poderá se expressar sob forma emocional, sexual e física. Isto quase sempre, deixa marcas invisíveis e a esse respeito, Oliveira (1999) afirma que a violência não necessariamente se inscreve no corpo apenas, mas, principalmente, na vida social e relacional.

A violência aqui estudada refere-se à violência conjugal, enunciada como prática de tradição nos relacionamentos amorosos. A violência nas relações entre parceiros expressa dinâmicas de afeto e denunciam a presença de relações de subordinação e dominação. Essa dinâmica relacional pode ser propiciada na medida em que a divisão interna de papéis admite uma distribuição desigual de privilégios, direitos e deveres dentro do ambiente doméstico (Azevedo & Guerra, 2000).

Associada à violência doméstica, a conjugal está, sobretudo, presente nos cotidianos doméstico e conjugal das mulheres (Diniz, Lopes, Gesteiros, Alves, Gomes, 2003). A violência contra a mulher por parte do marido ou parceiro assume números significativos e configura-se como relevante problema de saúde pública. No Brasil, estima-se que 2,1 milhões de mulheres já sofreram espancamentos graves, havendo, ainda, uma média de 175 mil mulheres agredidas por mês ou quatro por minuto (Venturi, Recaman, Oliveira, 2001). Estudo

realizado com 749 homens de faixa etária entre 15 e 60 anos na cidade do Rio de Janeiro revelou que a violência física e psicológica foi usada, respectivamente, por 25% e 40% dos homens contra a parceira pelo menos uma vez na vida (Acosta & Barker, 2003).

As agressões perpetradas pelo parceiro íntimo são mundialmente reconhecidas como uma das formas mais comuns de violência contra a mulher (Watts & Zimmerman, in Deeke, Boing, Oliveira e Coelho, 2009), que apresenta maior risco de ser agredida física e sexualmente por quem convive intimamente com ela do que por qualquer outra pessoa (Garcia-Moreno et al. In Deek et al., 2009). Historicamente, a violência conjugal carrega tabu e medo e em diversos locais não tem sido tratada como crime real, o que acarreta evidente falta de consequências legais a tais atos.

Do ponto de vista legislativo, no Brasil a lei nº 11.340, sancionada em agosto de 2006, estabeleceu como violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero, que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual, psicológico e dano moral ou patrimonial no âmbito da unidade doméstica, da família ou em qualquer relação íntima de afeto na qual o agressor conviva ou tenha convivido com a ofendida, independentemente de coabitação (Deeke et al., 2009).

Chama a atenção o fato de que as pesquisas sobre violência conjugal parecem ignorar, até o momento, as transformações produzidas no âmbito das masculinidades, pois, nos estudos em que os homens são considerados agentes de violência conjugal, eles são focalizados pura e simplesmente como violentos e agressores. A socialização masculina, ao prescrever certa permissividade em relação à prática de violência, pode ser uma das razões para a escassez de estudos sobre as possíveis relações entre masculinidade e violência (Nolasco, 2001).

Podemos perceber um paradoxo nas investigações em torno da violência contra a mulher na América Latina, já que mesmo sem respostas conclusivas sobre as causas do problema, parece existir uma sensação de esgotamento do tema, e dentre as várias reflexões pouco exploradas, uma das mais marcantes, talvez por sua invisibilidade, refere-se à inclusão dos

homens autores de violência no processo de prevenção e atenção à violência contra as mulheres.

Pesquisas no campo da biogenética e outras voltadas para explicações hormonais têm tentado atrelar a violência dos homens a predisposições genéticas ou à influência da testosterona. Não descartando a importância desses esforços, parece importante valorizar também, como descrito por Medrado e Pedrosa (2006), que as nossas heranças mais fortes não são as que se transmitem pelo DNA, mas aquelas que se transmitem por meio dos símbolos, da linguagem e dos laços afetivos que podemos construir (e destruir) entre nós.

Segundo Guatarri e Rolnik (1993), o modo como os agressores vivem essa condição de agressor oscila entre dois extremos: uma relação de alienação e de opressão, na qual o homem agressor se submete à subjetividade tal como ela se apresenta; ou uma relação de criação e de expressão, criando um processo de singularização, ou seja, reconhecendo as dificuldades que traz consigo e que não dá conta de resolver a não ser por meio da violência.

Ainda relacionado à temática, Nascimento (2001) traz olhares importantes ao apresentar um esquema composto por três “silêncios” relacionados aos homens e à violência. O primeiro se refere ao silêncio sobre os próprios homens e masculinidades, ou seja, à invisibilidade dos homens como objeto de investigação, discussão e intervenção; o segundo é o dos próprios homens sobre as questões do mundo privado, dos afetos e da intimidade, e da forma como lidam com elas; e o terceiro aos homens que recorrem à violência como forma de solução de conflitos nas relações íntimas. Para o autor, a compreensão desses silêncios e a possibilidade de construção de comportamentos alternativos às formas tradicionais de masculinidade podem promover uma maior equidade entre homens e mulheres e consequentes benefícios para toda a sociedade.

Estratégias de enfrentamento

Programas de reabilitação com autores de violência contra mulher representam uma possível estratégia de prevenção e enfatizam a necessidade de mais estudos para avaliar o real impacto dos mesmos.

Nos últimos anos, ao redor do mundo, alguns projetos e ações começaram a ser implementados tendo como objetivo final a diminuição e/ou erradicação da violência de homens contra as mulheres. A Campanha Brasileira do Laço Branco (2010) é coordenada pela Rede de Homens pela Equidade de Gênero /RHEG. Essa campanha, criada no Canadá em 1991, presente no Brasil desde 2001 e hoje representada em mais de 55 países, é a maior iniciativa mundial voltada para o envolvimento dos homens com a temática da violência contra a mulher (ONU In Lima, Büchele e Clímaco, 2008). O Programa H é o resultado de uma parceria entre três organizações não-governamentais brasileiras e uma mexicana. Seu objetivo é fornecer assessoria técnica a organizações governamentais e não-governamentais que desejam trabalhar com os temas da promoção da saúde, equidade de gênero e prevenção de violência de gênero entre homens jovens.

Lançado em 2001, ações do Programa H já foram realizadas em mais de 20 países, contando hoje com uma adaptação na Índia. O Emerge: Counseling & Education to Stop Domestic Violence, fundado em 1977, nos EUA, é um dos programas pioneiros no mundo no envolvimento dos homens em ações dirigidas ao fim da violência nas relações íntimas e tem atuado como referência para vários outros programas. Na América Latina, talvez o grupo de maior influência tenha sido o Coletivo de Hombres por Relaciones Igualitarias/CORIAC. Fundado no México em 1995, a instituição encerrou suas atividades em 2006, dando origem a quatro novas organizações (Lima, Büchele, Clímaco, 2008).

No Brasil são poucos os programas conhecidos que atuam com homens autores de violência contra as mulheres. O Instituto NOOS, do Rio de Janeiro, e a Pró-Mulher, Família e Cidadania, de São Paulo, são pioneiros nesse tipo de atividade. Desde 1998, o NOOS

desenvolve Grupos reflexivos de Gênero com Homens Autores de Violência, que objetivam realizar uma reflexão coletiva acerca dos valores envolvidos na construção da identidade masculina e a expressão desses valores em comportamentos e atitudes. A Pró-Mulher passou a envolver os homens em intervenções voltadas à mediação de conflitos intrafamiliares em 1993, trabalho que continua sendo desenvolvido (Lima et al., 2008).

Assim, iniciativas em saúde direcionadas tanto às mulheres como aos homens parecem válidas, desde que as mesmas, segundo Gomes (2003), não percam a perspectiva da relação entre os gêneros e não se distanciem da promoção da saúde voltada para as necessidades humanas em geral. Já Saffioti (2004), sobre estas intervenções, aponta que as pessoas envolvidas na relação violenta devem ter o desejo de mudar. É por esta razão que não se acredita numa mudança radical de uma relação violenta, quando se trabalha exclusivamente com a vítima, considerando que esta sofre algumas mudanças, enquanto a outra parte permanece o que sempre foi, mantendo seus comportamentos, a relação pode, inclusive, tornar-se ainda mais violenta. Todos percebem que a vítima precisa de ajuda, mas poucos vêem esta necessidade no agressor. As duas partes precisam de auxílio para promover uma verdadeira transformação da relação violenta.

E este parece ser o momento propício no Brasil para um debate acerca dessas mudanças pelos recentes acontecimentos como a Intenção do governo federal de instituir a *Política Nacional de atenção à Saúde do Homem*; a promulgação da lei 11.340, mais conhecida como lei Maria da Penha, em 2006, que tem gerado visibilidade nunca antes vista para a temática da violência e a promulgação da lei 11.489, em junho de 2007, que inclui o dia 6 de dezembro como *Dia Nacional de Mobilização dos Homens pelo Fim da Violência contra as Mulheres*.

Justificativa e Objetivos do Estudo

A aparente resistência dos homens em verbalizar sobre a violência pode contribuir para a centralização das investigações em torno das mulheres agredidas, consideradas mais acessíveis para falar sobre o tema e também porque, fazendo parte do grupo agredido, sentem-

se mais inclinadas a defender a vigência de seus direitos. Assim não tem sido dada a oportunidade aos homens de verbalização sobre as manifestações da agressão no contexto do lar. Realidade que pode ser reflexo de um número pouco significativo de estudos sobre a agressividade em seu ponto ativo, no caso o homem, e o escasso número de locais que oferecem atendimento a esta demanda. Assim, esta pesquisa se torna um desafio, num momento em que as técnicas e formas de abordagens, ainda incipientes, com estes indivíduos tidos por agressores estão todas sendo discutidas e estudadas. Sustentar um estudo como este acarreta ainda dispor-se a discutir e defender uma mudança paradigmática na postura dos profissionais que tratam a violência doméstica.

Este conjunto de fatores desperta para esta pesquisa que contempla a contextualização da violência no ambiente doméstico na perspectiva do homem com comportamento agressivo, contribuindo para o avanço do conhecimento, trazendo aportes ainda não extensamente explorados para a compreensão da dinâmica do autor da agressão e possibilitar uma ampliação nas formas de enfrentamento do fenômeno de violência doméstica.

Método

O presente estudo teve como método de pesquisa o qualitativo, que utiliza descrições narrativas, obtidas geralmente por meio de entrevistas analisadas tornando possível a obtenção de respostas para o problema (Moura, 1998).

A análise de dados utilizada foi a Técnica de Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1988). Foram contatados 15 homens para participar da pesquisa. Desses, foram entrevistados 6 homens, tendo em vista a dificuldade no comparecimento dos mesmos, apesar dos inúmeros contatos telefônicos e agendamentos. Com o término do período para a coleta de dados não foi possível buscar mais sujeitos para substituir os faltosos.

Os participantes foram oriundos do Centro de Referência às Vítimas de Violência (CRVV) e também do Juizado de Violência Doméstica (JVD), este proporcionou palestras sobre violência doméstica, como forma de transação penal, para homens com

comportamento agressivo. Nesta oportunidade após explicar sobre a pesquisa, solicitava voluntários. Os mesmos foram contatados via telefone, sendo agendada uma entrevista, conforme a disponibilidade e conveniência do participante. As entrevistas foram gravadas em fita cassete para posterior transcrição.

Para coleta de dados foi utilizada uma entrevista semi-estruturada (Anexo A) contendo seis perguntas. Foi redigido um termo de consentimento livre e esclarecido para o participante (Anexo B), que o receberam em duas vias, permanecendo uma com o participante e uma com a pesquisadora. A assinatura do termo se deu anterior ao início da entrevista, após explicação dos objetivos da pesquisa.

Apresentação dos resultados

Os participantes serão identificados pela letra “P”, seguida pelos números respectivos à ordem das entrevistas realizadas.

Tabela 1 – Participantes da pesquisa

Participantes	Idade	Ocupação	Escolaridade
P1	42	Diarista Ceasa	EF completo
P2	45	Acessor parlamentar	EM completo
P3	49	Técnico de enfermagem	EM completo
P4	44	Comerciário	ES Incompleto
P5	51	Fiscal ônibus	EF Completo
P6	34	Segurança privada	EM completo

A análise do conteúdo permitiu dividir as entrevistas em cinco categorias, resultantes do agrupamento das unidades de significado, que serão apresentadas a seguir:

Categoria 1 – Violência

Esta categoria agrupa as verbalizações que apontam o conhecimento dos entrevistados a respeito do conceito de violência, incluindo os aspectos verbais, físicos e emocionais da agressão.

Categoria 2 – Maria da Penha

Esta categoria compõe-se de verbalizações acerca dos aspectos positivos e negativos da Lei Maria da Penha, questionando quanto ao uso desta pela mulher.

Categoria 2 – Justificativas

Esta categoria refere-se às considerações feitas pelos participantes da pesquisa acerca dos motivos pelos quais as situações de violência ocorreram. São verbalizações que demonstram a vitimização dos entrevistados, além de sinalizarem questões sociais, de educação, características pessoais e motivos externos à relação.

Categoria 3 – Sentimentos

A terceira categoria agrupa verbalizações que abordam sentimentos despertados nos participantes durante o comportamento agressivo

Categoria 4 – Estratégias

Tal categoria compreende as considerações a respeito das estratégias utilizadas pelos participantes no enfrentamento da situação de violência.

Categoria 5 – Rede de apoio

Esta categoria aborda, a partir das verbalizações dos participantes, a importância do acolhimento a partir da rede social e de apoio.

Discussão dos resultados

Este estudo objetivou investigar como homens que agredem suas esposas ou companheiras, de forma sistemática, percebem e descrevem seu comportamento, possibilitando, assim, uma ampliação nas formas de enfrentamento do fenômeno da violência doméstica.

As narrativas confirmam que a violência esteve presente na vida conjugal de todos os sujeitos entrevistados, variando de forma e intensidade, associando-se a diferentes sentimentos e situações.

A pesquisa apontou unanimidade nos entrevistados em atribuir a provocação ou o início dos episódios de violência às mulheres, ou seja, alguns conseguem assumir que existe a violência e que agredem, porém minimizam o seu papel colocando a responsabilidade sobre as mulheres.

...aí deu a nossa primeira crise conjugal e a primeira violência conjugal porque ela agrediu a outra...(P2)

...fui na realidade a vítima... ela denunciou que eu andava atrás dela... (p5)

Os participantes dessa forma se expressam através de um filtro que os sustenta dentro de uma racionalização. Como nos alerta Goleman (2003) o agressor tende a ver apenas o que precisa ver, a saber, apenas o que precisa saber, tem consciência apenas daquilo que está preparado para ter.

Segundo Dalgarrondo (2000) ao justificar suas ações sob uma perspectiva simplista e que não lhe pertence mais, o sujeito pode estar demonstrando, ao mesmo tempo, uma incapacidade de experimentar culpa e de aprender com a experiência, tornando-se vulnerável à reincidência, uma vez que não se diferenciou enquanto sujeito das atitudes que revela.

Além das justificativas apresentadas acima, outro participante traz como motivo de seu descontrolo o fato de sua companheira não estar tendo com os filhos e com a casa os cuidados que ele considerava adequados, deixando transparecer que essas atitudes não deveriam ocorrer, conforme relato a seguir:

“...infelizmente a minha esposa, ela não teve essa criação, ela foi criada assim a vontade, deixando as coisas atiradas, não se preocupando com a higienização, com a higiene da casa, das crianças...não se preocupa com nada, então a princípio isso me deixava irritado... a gente começou muito a discutir, discutir, então isso acarretou bastante...” (P1).

Evidenciamos que conflitos frequentes em relação a assuntos familiares, como cuidar dos filhos, podem ser componentes importantes na origem da violência doméstica. Para Schraiber (2002) o cuidado com os filhos pode ser utilizado como desculpa para o homem ou a mulher agredirem o(a) companheiro(a) e como justificativa para a violência na família.

Já Dantas-Berger e Giffin (2005) acreditam que uma ordem social de tradição patriarcal por muito tempo “consentiu” num certo padrão de violência contra mulheres, designando ao

homem papel “ativo” na relação social e sexual entre os sexos, ao mesmo tempo em que restringiu a sexualidade feminina à passividade e à reprodução.

Podemos pensar a casa representando o projeto da família concretizado, além de conduzir ao sucesso do homem como “provedor”, já que com seu trabalho conseguiu adquirir uma casa para a família. Assim, casa e a família estão diretamente relacionadas com a construção de sua identidade social de “pai”, “marido” e “provedor”.

Relacionado a esta questão, os entrevistados além de apontarem ações inadequadas da companheira enquanto mãe, mencionaram situações culturais influenciando características de gênero socialmente construídas, como verificado na fala de “P2”

...a medida que a mulher falta com respeito nesse sentido já começa a discussão, isso é um ponto de vista gauchescamente falando, até sendo machista...(P2)

Os estudos históricos e antropológicos indicam a dominação da mulher pelo homem ao longo dos séculos. Para cimentar esse processo, utiliza-se a ideologia patriarcal e o machismo. Azevedo (1985) define machismo como um sistema de ideias e valores não igualitário entre homens e mulheres ou a dominação do homem sobre a mulher. O machismo não se restringe aos homens, a maioria das mulheres sofre uma socialização que as preparou para aceitar a dominação masculina e, portanto, para serem machistas.

Tal definição parece reduzir a complexidade de eventos multifatoriais, excluindo a questão relacional. Se homens e mulheres compartilham os valores culturais e constrangimentos de uma mesma sociedade, aprendem a respeito um do outro e, se gênero é constituído na relação, aprender a ser homem traz em seu bojo aprender o que é ser mulher, e vice-versa (Costa, 2002).

Outro fator observado e que compõe a categoria estratégias, foi o uso de bebida alcoólica, identificado nos relatos de “P1”

...quando eu bebo eu fico mais sorridente, fico brincalhão, o que quiserem de mim tem, até muitas vezes se tiver brabo com minha esposa, tiver brigado com meu filho, tiver discutido, esquece tudo e quando eu vejo que to meio tonto eu pego e vou dormir...(P1)

...se eu disser pra ti que vou beber pra matar, não... esquece porque eu não vou fazer isso jamais, então eu bebo, tomo minha cervejinha final se semana...(p1)

Foi comum o uso de expressões amenizadoras, como “só uma cervejinha”, diminuindo a possibilidade de culpa pela utilização desse elemento, no entanto destacamos o álcool como um fator coadjuvante na ocorrência de episódios de violência em razão das alterações comportamentais que provoca, podendo potencializar o comportamento agressivo.

O ato de beber foi reconhecido pelos participantes sem, no entanto, relacionarem seu uso às situações de violência com a companheira. Para Minayo e Deslandes (1998), o uso de álcool pelo homem mostra-se como significativo fator de risco para a violência do parceiro contra a mulher, enquanto para Gomes e col (2002), o álcool é a substância mais ligada às mudanças de comportamento, provocadas por efeitos psicofarmacológicos que desencadeiam a violência.

Ainda dentro das estratégias apresentadas pelos entrevistados na tentativa de amenizarem e/ou suportarem o descontrole, encontramos desde a evitação, mudanças na rotina, até isenção total de responsabilidade, como observado nas falas seguintes:

...Eu sai de casa, falei pra ela vou pegar minhas coisas e sair de casa, porque eu não agüento mais, ela disse eu não quero que tu sai de casa (P1)

...O negócio meu é me livrar dela pra não chegar lá em casa...(p5)

...a única coisa que eu mudei é os meus trajetos, eu não passei mais por onde ela mora, onde ela trabalha, eu evito, não andei mais de ônibus, ando só de carro, pra ela não me ver, não me enxergar, porque se ela não me enxergar acho que eu to livre...(p5)

As falas parecem estar distantes de um processo de autoconhecimento e responsabilização pelas ações. Neste contexto nos questionamos sobre o que fazer com os

homens considerados violentos, estes merecem ser punidos ou se necessitam de alguma forma de ajuda?

Ao mesmo tempo, lembramos que debates e pesquisas sobre os homens e as masculinidades também se acirram e passam a refletir sobre o papel dos homens nestas relações violentas (Marques, 2007). De alguma forma, estes homens parecem ser também vítimas de um sistema sócio-cultural, que impõe a dominação masculina à qual estão presos sem se dar conta.

Aliado a isso, no estado a criação do Juizado da Violência Doméstica em 2008 possibilitou a articulação destes trabalhos com a justiça. Este juizado foi criado com a específica função de apreciar os processos com base na Lei 11.340/06, a Lei Maria da Penha, que cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher.

O juizado da Violência Doméstica acabou abarcando os casos de lesão corporal leve e ameaça, que são os crimes de maior ocorrência no âmbito doméstico e familiar (Marques, 2007). Crime pelo qual a maioria dos entrevistados estava enquadrada como réus na transação penal oferecida em forma de palestra sobre violência doméstica. Em suas falas pareceu inevitável, portanto, a referência a questões sobre a Lei Maria da Penha.

...ela usou a Maria da Penha pra mim não ligar, não me aproximar...(p3)

...agora com a Maria da Penha...eu sei que se eu for brigar o único prejudicado sou eu...(P1)

...A lei Maria da Penha é injusta...só vê um lado...(P6)

As falas demonstram coerência com o posicionamento crítico sobre violência doméstica, acerca da Lei Maria da Penha, realizado por Dantas e Mélllo (2008). Os autores questionam o que o texto da lei traz sobre os homens, pois sendo uma medida de proteção à mulher tende a priorizar aspectos relativos à punição do homem.

Chama atenção, no entanto, que a Lei de certo modo, reconhece que para intervir no contexto da violência doméstica e familiar contra as mulheres, a partir da perspectiva de

gênero, é preciso implementar ações que possam também incluir os homens. Ainda assim as ações propostas apresentam duas lacunas: não fazem nenhuma alusão a trabalhos de promoção de saúde e não há definição clara sobre a estrutura e organização dos centros de atendimento aos “agressores”, cuja finalidade, conforme a lei é de “educação e reabilitação” ou “recuperação ou recondução”.

Se por um lado a Lei Maria da Penha busca a proteção à mulher vítima de violência, por outro parece desvalorizar a importância de uma rede que acolha a dupla envolvida no vínculo considerado violento. Assim, a parte pouco considerada na legislação, ou seja, os homens autores do comportamento agressivo recorrem ao apoio social, que segundo Brito e Koller (1999), se refere a um conjunto de sistemas ou de pessoas significativas que fazem parte de uma rede de relacionamentos.

De acordo com Belsky (1993), uma rede de apoio social eficaz e fortalecida em uma comunidade pode ser protetiva frente a eventos estressantes e contribuir para o bem-estar físico e emocional das pessoas. Tal apoio é citado pelos participantes da pesquisa.

...o tratamento que eu tive com a psiquiatra ela me fez enxergar pra frente... tu fica obcecado e se tu não tiver um acompanhamento psicológico tu vai e ataca a pessoa ...vou bater, vou pegar, mas graças a Deus e a fé que eu tenho, tenho a bíblia do meu lado, essa hora me salvou muito...(p2)

...minha gerente, por sinal psicóloga, ela é minha amiga...ela me ajudou em algumas coisas... ela me deu uma oxigenada...(p3)

O suporte afetivo propiciado pela família e por outras redes de apoio e algumas características pessoais como competência social, auto-eficácia, crença de controle sobre os eventos de vida e boa capacidade de resolução de problemas tem sido considerado importantes fatores de proteção (De Antoni & Koller, 2002).

...minha irmã é uma pessoa que sempre nos deu apoio...sempre procurando ajudar, aconselhar, era praticamente uma mãe...(p4)

...Por isso que eu digo, eu sou resiliente, eu sou forte, não me abalo, eu cresço com a dificuldade...(p3)

Percebe-se, no entanto, procuras solitárias por este fortalecimento, tendo em vista a abrangência que políticas públicas podem alcançar. Programas para homens com comportamento agressivo ainda são muito poucos e recentes no país. Realidade diferente em países como os estados Unidos, onde este tipo de programa surgiu já no final dos anos 70 e início dos 80, paralelamente à disseminação dos programas para o atendimento das mulheres vítimas de violência.

Soares (1999) expõe a experiência norte-americana relatando que à medida que o atendimento às mulheres era ampliado e sofisticado, as próprias ativistas do movimento contra a violência doméstica passaram a ter que enfrentar o problema dos homens. O objetivo das ativistas continuou sendo a proteção das mulheres, mas a recuperação dos agressores passou a ser vista como um componente importante de uma estratégia mais ampla de intervenção. Em pouco tempo já havia programas espalhados por todo o país, atendendo aos agressores que se apresentavam voluntariamente ou por ordem judicial.

No Brasil, Grossi e Porto (2005) realizaram um detalhado levantamento de trabalhos acadêmicos produzidos nos últimos 30 anos sobre o tema das violências contra as mulheres. As autoras relataram que, embora os homens violentos sejam um tema emergente no debate sobre gênero e violência, poucos trabalhos relacionados a eles foram encontrados. Identificaram que os trabalhos que tiveram como objeto de estudo o agressor, se dividem entre aqueles que buscam traçar um perfil deste e suas relações com a mulher agredida e aqueles que trabalham com a questão da construção identitária das masculinidades.

Abordando a questão da masculinidade, Costa (2002), afirma existirem vários tipos de masculinidades competindo entre si, ou seja, em contextos diversos, diferentes masculinidades são impostas, salientando alguns atributos e negando outros. Por exemplo, dependendo do contexto, revidar fisicamente a um insulto pode ser visto como prova de

masculinidade ou, ao contrário, ser prova de masculinidade não revidar à agressão e controlar impulsos.

A percepção dos participantes acerca da violência conjugal parece estar relacionada a conflito interpessoal. Para eles, as mulheres os provocam e eles respondem. Os desdobramentos seriam os desentendimentos, considerados “comuns” entre duas pessoas que vivem sob o mesmo teto. Isto remete à afirmação de que “ninguém briga sozinho”, enfatizada por alguns participantes.

...Violência conjugal sempre ela vem de ambos os lados (P1)

...aí tivemos uma briga feia, ela veio e se botou em mim, e eu atirei ela assim, eu joguei ela assim no chão e eu agredi ela mesmo...(P1)

...Violência conjugal é quando os cônjuges estão em atritos e essa violência pode ser tanto verbal, por gestos ou até mesmo por agressão física e a verbal é muito ligada à agressão emocional, um jogo de quem ofende mais o outro ou quem sabe mais das fragilidades do outro usa aquilo nas negociações, nas articulações do casal e isso vai gerando um desgaste e eu acho isso uma violência doméstica e conjugal (p3)

O relato de um participante demonstra uma classificação que hierarquiza o que pode ser definido como violência conjugal.

...Começa pela ameaça, briguinha e depois termina querendo se matar...(p5)

...porque a discussão leva a agressão física... vou pedindo, vou levando, aí chega um certo ponto que estora, agente não é de ferro...(P1)

É importante considerar que, ao referir o que é violência, os participantes retratam a visão apresentada pela literatura. Verardo (1990) considera que, embora a violência conjugal esteja associada a lesões físicas, sua gravidade também se caracteriza pelo impacto psicológico e social. Para Saffiotti e Almeida (1995) as relações violentas tendem a obedecer uma escala progressiva durante os anos, iniciando com agressões verbais que passam para físicas, podendo chegar a ameaças de morte e homicídio.

Uma visão mais atual e considerando o desenvolvimento de condutas agressivas, acredita que o comportamento agressivo é próprio da espécie humana e apresenta múltiplas configurações. Pode ser expresso pela via motora, pela via emocional, pela via somática, pela via cognitiva e finalmente, pela via verbal da qual o indivíduo pode utilizar-se das palavras para expressar seus sentimentos em relação aos outros (Fariz, Mias & Moura, 2005).

Relacionado aos sentimentos mencionados pelos participantes acerca do momento em que prevaleceu o comportamento agressivo, estes evidenciaram o medo, raiva, revolta, pena e aborrecimento. Chama atenção especialmente quanto ao sentimento “medo” apresentado por P2 e P5, pois direcionam este sentimento à vítima.

...o medo de chegar e dizer...como o outro vai reagir...aí esconde a mentirinha...de chegar ali e dizer vou sair com meus amigos... (P2)

...com medo de ir em casa, com medo de me incomodar no serviço...(P5)

De encontro a estes achados, Alvim e Souza (2005) em sua pesquisa acerca da violência conjugal em uma perspectiva relacional apresentam, como um dos resultados, o sentimento de medo como principal reação em relação ao agressor. Ainda no estudo destes autores outro sentimento apresentado vai ao encontro com a presente pesquisa, o sentimento de culpa.

...meu profundo arrependimento de repente de não ter dialogado mais com ela...(P2)

Os participantes da pesquisa demonstraram dificuldade em expressar seus afetos. Pode-se inferir que a identificação, por parte destes homens, de sentimentos como raiva, medo, vergonha e insegurança, inicialmente não aconteça de forma consciente. São sentimentos muitas vezes intoleráveis e contraditórios, habitualmente reproduzidos e reexperimentados pela dupla na relação conjugal violenta. Portanto o estudo dos sentimentos vivenciados por homens com comportamento agressivo no momento em que prevalece tal conduta, mostra-se importante, já que além de intensos, muitas vezes esses sentimentos constituem-se como barreiras para o entendimento da dinâmica destas pessoas.

Para Nascimento (2001), existe um silêncio em torno do cotidiano da vida privada, o que inclui a afetividade, dos homens especialmente nas camadas mais vulneráveis sócio-economicamente. Assim, desaprender este silêncio significa construir novos referenciais de conduta para os homens, produzindo novas formas de relação entre homens e mulheres.

Considerações finais

Neste trabalho identificamos, através dos discursos masculinos, a violência conjugal, abordando aspectos teóricos e práticos do comportamento agressivo.

É possível observar alguns posicionamentos unânimes sobre o comportamento agressivo na fala dos participantes. Sendo eles a responsabilização de suas reações depositada nas companheiras e a compreensão relacional presente na situação de agressão. Visões que se desencontram e se complementam, revelando a ambiguidade inerente à dinâmica afetivo-conjugal violenta.

A pesquisa apresenta nexos com relação às questões norteadoras deste estudo, assinalando a importância do enfoque no masculino como indispensável para a compreensão da dinâmica que envolve as relações violentas entre homens e mulheres, pois permite trabalhar com o outro lado da relação conjugal, até então pouco valorizado, já que a maioria dos trabalhos desenvolvidos com o tema aborda o discurso feminino. Esse deslocamento de enfoque torna-se importante, pois proporciona pensar, também, em estratégias de conhecimento e intervenção que considerem os homens fazendo com que agressores e agredidas pensem numa relação mais solidária e equitativa.

Comum a todos surge a importância do apoio recebido por profissionais da saúde mental, familiares e amigos. Embora tenham sido buscas individuais, pelo próprio desconhecimento de uma rede social que os acolha, este foi um aspecto significativo nas estratégias utilizadas por estes homens na interrupção do comportamento considerado agressivo.

As intervenções com homens autores de violência não são o melhor nem o único caminho para eliminar a violência conjugal. Porém, a partir da leitura aqui empreendida, vislumbra-se que, quando integradas com outras ações dirigidas à questão do comportamento agressivo, esse pode ser um importante meio para promover a equidade de gênero e diminuir a violência.

Finalizando, apontamos como limitações deste estudo a pouca literatura acerca da inclusão dos homens no diálogo sobre a violência contra a mulher, a dificuldade de acesso a essa população e o gênero da entrevistadora, interferindo na naturalidade do discurso. Por ser um tema ainda incipiente e que necessita mais amadurecimento e reflexão, sugere-se futuros estudos, que abarquem sentimentos despertados na dupla e priorize um espaço de escuta deste vínculo.

O envolvimento dos homens com o debate e as ações sobre violência contra mulher traz novos olhares, assim como novos problemas para esse campo e tema já bastante complexos. Esperamos que este artigo e as considerações parciais aqui formuladas contribuam para futuras reflexões sobre a temática.

Referências bibliográficas

- Acosta, F.; Barker, G. (2003). *Homens, violência de gênero e saúde sexual e reprodutiva: um estudo sobre homens no Rio de Janeiro/Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto NOOS.
- Alvim, S. F. & Souza, L. (2005). Violência conjugal em uma perspectiva relacional: homens e mulheres agredidos/agressores. *Psicologia: Teoria e Prática*, 7(2), 171-206.
- Azevedo, M. A. (1985). *Mulheres espancadas: a violência denunciada*. São Paulo: Cortez.
- Azevedo, M. A.; Guerra, V. N. A. (2000). *Infância e violência doméstica: fronteiras do conhecimento*. São Paulo: Cortez.
- Bardin, L. (1988). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Belsky, J. (1993). Etiology of child maltreatment: a developmental-ecological analysis. *Psychological Bulletin*, 114, 413-434.

- Brito, R. C. & Koller, S. H. (1999). Redes de apoio social e afetivo e desenvolvimento. Em A. M. Carvalho (Org.), *O mundo social da criança: natureza e cultura em ação* (pp.115-130). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Campanha Brasileira do Laço Branco: homens pelo fim da violência contra a mulher. [HTTP://www.lacobranco.org.br](http://www.lacobranco.org.br). Acesso em 03 Mar. 2010
- Chauí, M. (1980). A não-violência do brasileiro, um mito interessantíssimo. *Almanaque: Cadernos de Literatura e Ensaio*. Brasiliense, nº11, pp: 16-24.
- Costa, R. G. (2002). Mediando oposições: sobre a crítica aos estudos de masculinidades. Em Almeida, H.B. (Org.). *Gênero em Matizes* (pp.213-241). São Paulo: Universidade São Francisco.
- Dalgalarondo, P. (2000). *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Dantas-Berger, S. M.; Giffin, K. (2005). A violência nas relações de conjugalidade: invisibilidade e banalização da violência sexual? *Cadernos de Saúde Pública*, 21(2), 417-425.
- Dantas, B. M.; Mélo, R. P. (2008). Posicionamentos críticos e éticos sobre a violência contra as mulheres. *Psicologia e Sociedade* V.20 Porto Alegre.
- De Antoni, C. & Koller, S. H. (2002). Violência doméstica e comunitária. Em Contini, M. L. J.; Koller, S. H. & Barros, M. N. S. (Eds.). *Adolescência & psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas* (pp.85-91). Rio de Janeiro: Conselho Federal de Psicologia.
- Deeke, L. P.; Boing, A. F.; Oliveira, W. F.; Coelho, E. B. S. (2009). A dinâmica da violência doméstica: uma análise a partir dos discursos da mulher agredida e de seu parceiro. *Revista Saúde e Sociedade*, 18(2).
- Diniz, N. M. F.; Lopes, R. L. M.; Gesteira, S. M. A.; Alves, S. L. B.; Gomes, N. P. (2003). Violência conjugal: vivências expressas em discursos masculinos. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 37(2).

- Fariz, M., Mias, C. & Moura, C. B. (2005). Comportamento agressivo e terapia cognitivo-comportamental na infância. Em: V. E. Caballo & M. Simon (Orgs). *Manual de psicologia clínica infantil e do adolescente: Transtornos específicos* (pp.57-59). São Paulo: Santos Editora
- Goleman, D. (2003). *Mentiras essenciais, verdades simples: a psicologia da auto-ilusão*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Gomes, R. (2003). Sexualidade masculina e saúde do homem: proposta para uma discussão. *Ciência e Saúde Coletiva*, 8(3), 825-829.
- Gomes, R. A. et al (2002). Por que as crianças são maltratadas?: explicações para a prática de maus-tratos infantis na literatura. *Cadernos de saúde pública*, 8(3), 707-714.
- Grossi, M. P. & Porto, R. M. (2005). 30 anos de pesquisas sobre violências contra mulheres no Brasil. *Sexualidade, Gênero e Sociedade*. Rio de Janeiro: CLAM/IMS/UERJ, número especial.
- Guatarri, F. Rolnik, S. (1993). *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes.
- Lima, D. C.; Büchele, F.; Clímaco, D. de A. (2008). Homens, gênero e violência contra a mulher. *Revista Saúde e Sociedade*, 17(2).
- Marques, C. G. (2007). *Homens "autores de violência conjugal": modernidade e tradição na experiência de um grupo de reflexão*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Medrado, B.; Pedrosa, C. (2006). *Pelo fim da violência contra as mulheres, um compromisso também dos homens*. Brasília, DF: Agende.
- Minayo, M. C. S. Violência: um problema para a saúde dos brasileiros. In: Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. (2005). *Impacto da violência na saúde dos brasileiros*. Brasília, DF.
- Minayo, M. C. S.; Deslandes, S. F. (1998). A complexidade das relações entre drogas, álcool e violência. *Cadernos de Saúde Pública*, 4(1), 35-42.

- Moura, M. L. S. (1998) *Manual para elaboração de projetos de pesquisa*. Rio de Janeiro: UERJ.
- Nascimento, M. (2001). *Desaprendendo o silêncio; uma experiência de trabalho com grupos de homens autores de violência contra a mulher*. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva). Instituto de Medicina Social da UERJ, Rio de Janeiro.
- Nolasco, S. (2001). *De Tarzan a Homer Simpson: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Oliveira, D.; Geraldês, E. C.; Lima, R. B. (1998). *Primavera já partiu: retratos de homicídios femininos no Brasil*. Petrópolis: Vozes.
- Oliveira, F. (1999) Violência contra a mulher é uma questão de saúde pública. *Jornal da redesaúde*; 19(10).
- Saffioti, H. (2004). *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- Saffioti, H.; Almeida, S. S. (1995). *Violência de gênero: poder e impotência*. Rio de Janeiro: REVINTER.
- Schraiber, L. (2002). *Violência contra a mulher: estudo em uma unidade de atenção primária à saúde*. São Paulo: Departamento de medicina da USP.
- Serafim, A. P.; Saffi, F.; Rigonatti, S. P.; Casoy, I.; Barros, D. M. (2009). Perfil psicológico e comportamental de agressores sexuais de crianças. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 36 (3).
- Soares, B. M. (1999). *Mulheres invisíveis: violência conjugal e novas políticas de segurança*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Venturi, G.; Recaman, M.; Oliveira, S. (2001). *A mulher brasileira no espaço público e privado*. São Paulo; Fundação Perseu Abramo.
- Verardo, M. T. (1990). *Violência no relacionamento "amoroso"*. São Paulo: IMEP (série violência e gênero).

Anexo A

Ficha de Dados Sociodemográficos

Nome:

Idade

Escolaridade:

Ocupação:

Renda familiar aproximada:

Número de pessoas que vivem na casa:

Situação do imóvel em que reside:

Própria

Alugada

Outra situação. Qual?

Bairro em que reside:

Composição familiar (filhos):

Anexo B

Entrevista semi estruturada

1. O que você entende por violência conjugal?
2. Você percebe esse comportamento no seu relacionamento?
3. Por que você acha que acontece isso?
4. Enquanto está tendo este comportamento, o que sente?
5. Faria algo de forma diferente?
6. Gostaria de ter ajuda? Em que sentido e de que forma?

Anexo C

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA
PARTICIPAÇÃO EM PROJETO DE PESQUISA**

A pesquisadora Josemara Carvalho de Oliveira, psicóloga, aluna da especialização da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, está realizando uma pesquisa sobre violência conjugal. Para isso necessitamos sua colaboração. A sua participação se dará através de uma entrevista, que será gravada em áudio. A pesquisa é importante porque permitirá estudar a compreensão da violência conjugal na perspectiva de todas as pessoas envolvidas e auxiliar no planejamento de ações que incluam o homem na prevenção da violência contra a mulher.

Essas informações serão mantidas em sigilo e utilizadas somente para a pesquisa. A participação é voluntária e o senhor pode se retirar da pesquisa no início, no meio ou final, sem qualquer prejuízo.

Assim sendo, tendo em vista o que me foi colocado, concordo participar da pesquisa. Foi garantida a mim a confidencialidade dos dados individuais assim como a ausência de riscos. Os resultados da pesquisa serão apresentados em eventos de caráter científico, mas sempre preservarão os participantes, que jamais serão identificados. Estou aceitando voluntariamente a participação nesta pesquisa, não tendo sofrido nenhuma forma de pressão para isso.

Qualquer esclarecimento ou informação adicional pode ser obtido pelo telefone: 33085446.

Agradecemos sua colaboração!

Porto Alegre, _____, de _____ de 2010.

Assinatura do participante

Josemara Carvalho de Oliveira (Pesquisadora responsável)

Nome por extenso

Cláudio Simon Hutz (Orientador)